

Pachamama Editora Cartonera
- *instalações pedagógicas caducas* -

O lugar que me pertence

janeiro de 2022

Sabe o que é um livro cartonero?

A história das editoras cartoneras começa com um toque de fábula trágica.

Era uma vez um país abaixo da famosa linha do Equador mergulhado em mais uma de suas costumeiras crises cíclicas. É o contexto no qual emerge a primeira editora cartonera do mundo; hoje calcula-se que funcionam mais de 150 no mapa do planeta.

Criadas por pequenos grupos de pessoas ligadas ao fazer literário e cultural, em certos casos também a coletivos com preocupações políticas e sociais, as editoras cartoneras funcionam muitas vezes como propostas de intervenção para lançar vozes e linguagens de sujeitos sempre silenciados, para tornar a escrita e a leitura práticas de maior incidência na vida quotidiana, sobretudo entre setores que historicamente estiveram à margem da cultura letrada.

Estes livros levam-nos para o mundo da economia solidária e das alternativas económicas, mas sobretudo para a área da democratização do livro. São fabricados – em parte – de modo artesanal e as suas capas são de cartão, fazendo com que cada livro seja um exemplar único.

Este **livro cartonero** foi criado manualmente por _____.

A sua encadernação e edição foi realizada em **Castelo Branco**, no dia 21 de janeiro de 2022, no âmbito do ciclo “*Universo Cartonero: uma itinerância na região centro Portugal*”.

Exemplar n.º | |

O lugar que me pertence

No início está a pertença ao lugar...

Saber quem somos e onde pertencemos é tarefa de uma vida inteira.

Pertenço-me a mim, pertença a quem me gerou, a quem me acolheu, a quem me educou.

Mas também me pertencem todos e todas que comigo compartilham o lugar que me acolhe. E eu a estes também lhes pertença.

O lugar - terra-mãe, fertilidade, doçura de embalo - que me vê nascer, me vê crescer e até me vê partir.

Este lugar une-me com laços de pertença à vida terrestre, aos sulcos lavrados da terra, ao vento frio do topo da serra, à frescura dos ribeiros que cirandeam pelo meu lugar, à vida movediça das ruas da cidade.

Este lugar dá-me a liberdade de ser quem sou, de falar com os tons e os sons da terra que me envolve.

Este lugar preenche-me de sonhos e mágoas, de portas abertas e janelas fechadas, de promessas escritas, cumpridas e desejadas.

Estes pequenos textos falam desse lugar que é Castelo Branco.
Lembram-nos lendas, mitos e sonhos que dão alma, passado e futuro a esta terra, lugar de muita gente.

Boas leituras.
Mas sobretudo, boas pertenças.

A lebre branca e o galo preto

Recolha efectuada em Caféde – Concelho de Castelo Branco

Havia um homem muito selvagem que tinha uma devoção de rezar todos os dias um Pai Nosso a S. Francisco. Quando esse homem estava para morrer apareceu-lhe um anjo e disse-lhe: “Se deres três esmolas avultadas, ainda te salvarás”.

Passado algum tempo entrou um velhinho na quinta e os cães não lhe fizeram mal.

O guarda quando viu o velhinho dirigiu-se até ele e disse-lhe:

- Como é que entrou aqui sem os cães lhe fazerem nada?

O velho respondeu:

- Eles são mansinhos, fiz-lhes umas festas e eles não me fizeram mal.

O velhinho foi visitar o homem que estava para morrer e pediu-lhe uma esmola, o homem vira-se para o criado e diz-lhe:

- Dá-lhe cinquenta alqueires de milho.

- Mas ele não trás saco – diz o criado para o patrão.

- Dá-lhe um saco dos melhores para levar o milho.

- Também não te como transportá-lo – diz o criado.

- Então põe o milho na carroça e vai levá-lo a casa.

O criado assim fez tudo e lá foi mais o velhinho.

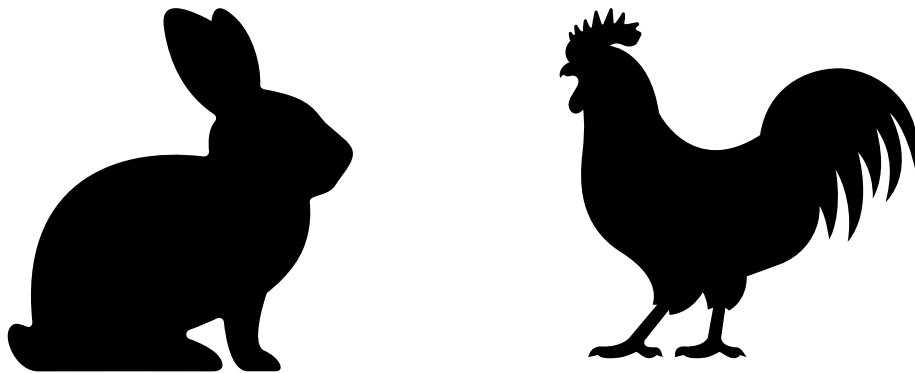
Quando já iam a caminho ouviram o sino da igreja tocar. O homem que tinha dado as esmolas ao velhinho já tinha falecido. Nisto passou-lhes por perto uma lebre branca a fugir de um galo preto.

O velhinho vira-se para o criado e diz-lhe:

- “O teu patrão já morreu, e a lebre branca, que passou, significa que ele se salvou, o galo preto era o inimigo que vinha a correr atrás dele, mas não o apanhou. Aquele que fizer o bem já neste mundo se salvará e tu meu amigo podes levar o milho que eu não preciso” – e dito isto desaparece.

O velhinho, a quem o homem deu a esmola e com quem o criado falou era o Santo a quem o homem rezava todos os dias um Pai Nosso.

(lenda retirada de “Contos Mitos e Lendas da Beira” de José Carlos Duarte Moura, 1996)



Lenda de um pai que era mau para o filho

Recolha efectuada em Vale de Água – Concelho de Proença-a-Nova

Andava um Rapazinho de dez anos
numa vinha de seus pais a cavar,
mas como o seu trabalho não rendia
à noite pelos pais era espancado.

O Rapaz já farto de sofrer
no mundo ouvir martírios tais
então o que pensou ele fazer:
abandonar a casa de seus pais.

Numa aldeia bem distante o garotinho
a uma porta rica foi bater
pedia-lhe com ternura e com carinho
pedia de dormir e de comer.

Então olha ó garoto escuta lá,
então porque estás abandonado?
E o garoto respondeu:
Senhor, o meu pai é um malvado.

Então olha ó garoto escuta lá
em vistas do teu pai ser um traidor
se não queres voltar lá, fica cá
eu te farei um homem de valor.

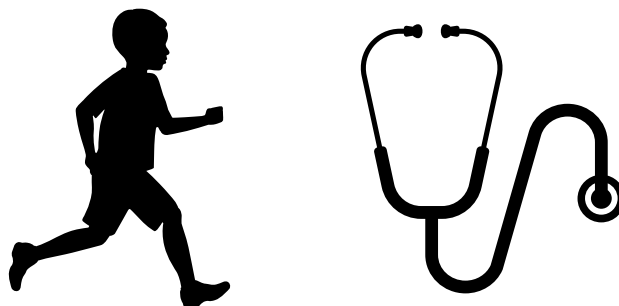
O garoto aceitou mas sem saber
que o homem era um honrado professor
ensinou-o a ler e a escrever
estudou até chegar a ser doutor.

Depois já curava muita gente
era um médico muito bom e forte
um dia soube que o pai estava doente
à pressa lá o foi salvar da morte.

Depois de estar salvo diz-lhe um ai
já está salvo o meu Pai, eu sinto brilho.
Em visto de você ser um mau pai
eu quero pagar-lhe sendo um filho.

Perdoa filho, meu mal que eu te fiz
a vida que eu te dei amargurado,
diz-me lá quanto é que eu te devo.
O filho diz: Cumpri o meu dever, não deve nada.

(lenda retirada de “Contos Mitos e Lendas da Beira” de José Carlos Duarte Moura, 1996)



A fada do cabeça do carvão

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

Dizem alguns que se alguém desse sete voltas e meia ao Cabeço do Carvão, da meia-noite à uma hora da madrugada, sem olhar para trás, abrir-se-ia uma porta do Palácio Colossal, com divisões sem fim.

E quem entrasse teria de levar um longo calabro a cingi-lo à cintura. Uma das pontas teria de ficar no exterior, porque se não fosse assim, como são muitas as divisões ninguém daria com a porta de saída e ficaria encantado no lugar da Moura.

Está lá uma Moura elegante, graciosa, coberta de esmeraldas, safiras e rubis, que passeia com o visitante mas não lhe fornece informações para tudo o que viu. A Moura encantada presenteia sempre quem a visita.

De uma vez disse a um ganhão, despedindo-se dele à porta: “Toma uma bolsa de passas de figo muito boas”. Quando a porta se fechou atrás de si ele disse: “Ainda bem que tenho ali na cabaça uma pinga de aguardente e se as passas prestaram, com este frio de Dezembro será muito bom.”

Quando foi para comer as passas estas transformaram-se em moedas de ouro. Tentou outra vez e então reparou que quando ia para trincar as passas estas se transformaram em moedas de ouro. Pouco depois viu-se com um saco cheio de moedas de ouro.

Regressou a Alcains e o ganhão que era pobre tornou-se rico.

(lenda retirada de “Contos Mitos e Lendas da Beira” de José Carlos Duarte Moura, 1996)

Lenda de S. Sebastião

Recolha efectuada em Escalos de Baixo – Concelho de Castelo Branco

Contam os mais velhos que durante as Guerras de Independência, os Escalos de Baixo foram invadidos pelos Castelhanos. Mais tarde, chegaram até Castelo Branco as tropas Franco-Espanholas.

Chegou então aos ouvidos dos Escaleiro que essas tropas iam marchar até à fronteira e por isso passavam obrigatoriamente pelos Escalos e arredores. Com lembranças das anteriores destruições, o povo decidiu combater contra a poderosa tropa Franco-Espanhola começando a rezar a S. Sebastião “defensor da fome, pestes e guerras”.

Curiosamente formou-se um denso nevoeiro quando as tropas se aproximavam, o que tornou a povoação despercebida aos seus olhos, passando ao lado.

Para cumprir a promessa o povo construiu a capela, situada ao lado da ribeira e fazendo frente à via que dava acesso a Castelo Branco. Também todos os anos são feitos grandes festejos em honra do Santo Defensor.

(lenda retirada de “Contos Mitos e Lendas da Beira” de José Carlos Duarte Moura, 1996)

Mina de ouro

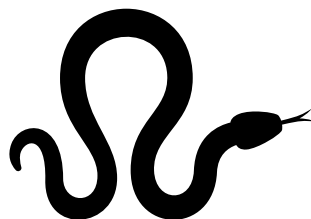
Recolha efectuada em Foz do Cobrão Concelho de Vila Velha de Rodão

Dizem os antigos que certa vez andavam sete cavalos numa noite a carregar ouro para uma mina, mas não se sabia a sua localização. Diz-se que seja na área dos Casalinhos e Raposeiro (terras destinadas à agricultura e à oliveira).

A lenda diz também que deverá encontrar-se perto de uma nascente para que os donos desse ouro quando voltassem o soubessem encontrar. Para o encontrar é preciso sonhar três vezes com a localização da mina sem dizer nada a ninguém. Há quem diga também que os cabritos pretos adivinham onde está o ouro.

Mas o pior é que se encontra uma semente de guarda ao tesouro e a lenda avisa de que se a serpente não vir a gente devemos matá-la, mas se ela nos vir primeiro devemos fugir.

(lenda retirada de “Contos Mitos e Lendas da Beira” de José Carlos Duarte Moura, 1996)



Lenda dos tremoços

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

Quando as Invasões Francesas atacaram o Concelho de Vila de Rei, as pessoas ao saberem da proximidade das tropas fugiam das povoações e escondiam-se nos matos levando consigo alguns mantimentos.

Segundo consta, um grupo de pessoas refugiou-se junto à Ribeira da Isna. Estando aí já algum tempo, esgotaram os mantimentos restando somente tremoços amargos.

Correu então a notícia que os Franceses se aproximavam. Os que aí se refugiaram afastaram-se então dessa zona deixando as panelas dos tremoços amargos. Os Franceses ao passarem por ali vinham famintos e comeram os tremoços. Mas como estes amargavam muito, julgaram que tivessem veneno e assim abandonaram a região.

(lenda retirada de “Contos Mitos e Lendas da Beira” de José Carlos Duarte Moura, 1996)



O carrinho de ouro

Recolha efectuada em Foz do Cobreiro Concelho de Vila Velha de Rodão

Uns homens encontraram um carrinho de ouro num poço muito fundo do Rio Ocreza chamado Vale Mourão. Esse lugar é conhecido pelos seus penhascos e pela beleza das suas paisagens. Então, os homens felizes da vida, subindo a barreira quase a pique lá iam no seu caminho quando um exclamou:

“Queira Deus quer não, este carrinho de ouro já é nosso.”

Então Deus por castigo, fez com que o carrinho rebolesse e fosse cair no fundo do poço com mais de cinco metros de profundidade.

E há quem diga que ainda hoje se encontra lá.

(lenda retirada de “Contos Mitos e Lendas da Beira” de José Carlos Duarte Moura, 1996)



